

O USO DA TERRA NA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL - A contribuição de Leo Waibel

THE LAND USE IN THE SMALL RURAL PROPERTY - The contribution of Leo Waibel

Virginia Elisabeta Etges

Doutora em Geografia,
Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional na UNISC
etges@unisc.br

Resumo

Dentre os geógrafos alemães da primeira metade do século XX, destaca-se Leo Waibel, pelas suas importantes contribuições à Geografia, em especial à Geografia Agrária. Waibel iniciou suas pesquisas na África, em 1911, época em que estava engajado no projeto imperialista do Estado alemão, tendo em vista a necessidade de matérias primas e de fontes de energia para a indústria, bem como a necessidade de alimentos para a população cada vez mais concentrada nas cidades. No período de 1946 a 1950 Waibel atuou como pesquisador no Brasil, a convite do Conselho Nacional de Geografia (CNG), ocupando-se principalmente com os temas colonização e uso da terra. O tema uso da terra adquire relevância nos trabalhos de Waibel na medida em que ele concluiu que o sucesso (ou insucesso) dos projetos de colonização no Brasil estavam diretamente relacionados ao tipo de uso da terra praticado pelos colonos, aspecto este que foi a principal característica das diferentes paisagens culturais identificadas pelo autor nas áreas de colonização europeia no sul do Brasil.

Palavras-chave: Colonização. Uso da Terra. Paisagem Cultural. Geografia Agrária.

Abstract

Among the German geographers of the first half of the twentieth century, stands out Leo Waibel, for their important contributions to geography, especially the Agrarian Geography. Waibel began his research in Africa, in 1911, when he was engaged in the imperialist project of the German state, having in mind the need for raw materials and energy sources for industry, as well as the need to feed a growing population more and more concentrated in the cities. In the period 1946 to 1950 Waibel worked as a researcher in Brazil at the invitation of the National Geography Council (CNG), dealing mainly with issues as colonization and the use of land. The subject Land Use becomes relevant in the work of Waibel to the extent that he concluded that the success (or failure) of the colonization projects in Brazil were directly related to the type of land use practiced by the settlers, a factor that was a hallmark of different cultural landscapes identified by the author in the areas of European colonization in southern Brazil.

Keywords: Colonization. Land Use. Cultural Landscape. Agrarian Geography.

Introdução

Leo Waibel é conhecido como um dos principais geógrafos alemães do século XX. A partir do referencial teórico e metodológico da Geografia Econômica alemã, Waibel exerceu importante influência na Geografia Agrária brasileira, fruto de atividades de pesquisa realizadas no país.

No período em que permaneceu no Brasil (de 1946 a 1950), como assessor técnico do Conselho Nacional de Geografia - CNG, Waibel trabalhou temas de grande relevância para a época, como *colonização e uso da terra*, especialmente na região colonizada por imigrantes europeus no sul do Brasil.

Nesses estudos Waibel deu a sua contribuição mais importante à Geografia Agrária brasileira, estabelecendo uma *tipologia de sistemas agrícolas*, a partir do tamanho das propriedades e do uso da terra, feito pelos pequenos proprietários da região.

Na primeira parte deste artigo abordamos a motivação central que trouxe Leo Waibel ao Brasil. Na segunda parte, resgatamos a tipologia dos sistemas agrícolas por ele proposta, ilustrando-a com fotografias do próprio autor, registradas por ocasião de suas viagens a campo pelo sul do Brasil na década de 1940.

A importância dos trópicos na obra de Leo Waibel

Para que possamos compreender a importância da contribuição de Waibel à Geografia brasileira, fundamental se faz rever as razões que o trouxeram ao Brasil e a reflexão que se fazia, tanto na época quanto atualmente, em torno dos temas por ele trabalhados.

Numa época em que o conceito da auto suficiência se torna um lema político, parece oportuno analisar as premissas naturais e culturais da vida econômica dos diferentes países e, melhor do que ninguém, está o geógrafo indicado para esta tarefa, já que se trata aqui, em última análise, de um problema de Geografia Econômica (WAIBEL, 1979, p.85)

Já em 1933 Waibel (1979, p.85) justificava seu interesse pelas zonas tropicais e pelos produtos agrícolas tropicais no abastecimento da zona temperada do hemisfério norte.

Os trópicos mantêm, para muitos produtos vegetais, um monopólio natural, que na verdade em alguns casos isolados pode ser rompido ou pelo menos atenuado pela indústria e pela técnica, mas que nunca pôde ser afastado

inteiramente. Todos os países da zona temperada (sendo que sempre tenho em mente apenas os da parte norte), principalmente os estados industriais superpovoados, ficam, portanto, em maior ou menor grau na dependência dos trópicos, e analisar exatamente o grau desta dependência é o principal escopo deste trabalho. E, por conseguinte, o comércio de exportação tropical, ou seja, as necessidades dos países extratropicais em produtos tropicais, o principal assunto de nossas cogitações.

Na realidade, foi este o tema que, desde o começo, norteou a atuação de Waibel, enquanto pesquisador, sobre o qual ele pretendia publicar o livro *Die Stellung der Tropen in Weltwirtschaft und Welthandel* (A posição dos Trópicos na economia e no comércio mundial), cujo primeiro volume trataria do caso africano e o segundo, da América tropical.

Foi com esta preocupação que Waibel, em 1937, tentou realizar sua primeira viagem ao Brasil, período em que a perseguição política da qual foi alvo pelo regime nazista, estava no auge.

Por isso eu proponho [...] a realização de uma viagem de estudos ao Brasil, nos meses de férias de julho a outubro do corrente ano, com a finalidade de estudar as áreas colonizadas por camponeses europeus. Como justificativa da minha proposta eu informo que:

O principal problema na futura exploração da agricultura da África tropical, na qual encontram-se nossas colônias Togo, Kamerun e África Oriental, consiste em saber se se deve realizá-la com a ajuda de grandes empresas capitalistas (plantagens), empreendimentos médios (culturas ou fazendas) ou pequenas unidades de produção (visto sob a ótica da economia local). Os pequenos estabelecimentos, que dispõem de pouco dinheiro e somente da força de trabalho da família, são normalmente denominadas pequenas colônias; trata-se, via de regra, de típicas economias camponesas, desenvolvidas por europeus, nos trópicos.

Na África tropical impera uma polêmica sobre estas diferentes formas de economia; mas como as experiências são recentes, a discussão surge quase sempre em torno de suposições, opiniões e esperanças. Se se quer uma resposta para estas perguntas, amparada em fatos, então deve-se procurar os trópicos americanos, onde os europeus, há 400 anos, se ocupam com atividades agrícolas. Acima de tudo no Brasil Central (São Paulo e Minas Gerais) desenvolveu-se há 100 anos uma economia coesa, onde as três formas de economia se fazem presentes, sem exclusividade da plantagem, como as fontes bibliográficas quase sempre fazem crer. A plantagem fornece basicamente café para exportação, enquanto as médias e principalmente as pequenas explorações fornecem os alimentos para o mercado interno.

Sobre a economia camponesa europeia do Brasil Central (especificamente do Espírito Santo), a bibliografia não fornece praticamente nenhuma informação. Não sabemos onde se localizam, os fatores que a limitam, há quanto tempo existem e quantas são. Mal pude conhecer algo sobre estas formas de exploração. O usual é a cultura de enxada ou a cultura de arado? Qual o papel da criação de animais? É praticada uma rotação de culturas? Planta-se somente produtos para a subsistência ou também produtos para o mercado? Como são as condições da moradia e da infraestrutura para a

produção destes camponeses? Qual a relação da agricultura pesada com o clima? Qual é a condição social e cultural destes camponeses em relação aos grandes empresários? Estas e outras perguntas só poderão ser respondidas a partir de observações e indagações no local. E esta tarefa tem, ao meu ver, não somente (com relação às colônias alemãs na África tropical) um significado nacional e econômico, senão que ela também neste caso é urgente, tendo em vista que, por influência da crise mundial, também as plantagens do Brasil Central estão se afastando da monocultura do café e tentando passar para uma economia diversificada. (WAIBEL *apud* BOHM, 1991, p.234)

Estas colocações permitem avaliar a dimensão do interesse de Waibel em conhecer a realidade da agricultura brasileira já naquela época, uma vez que estava convicto de que só poderia analisar conseqüentemente a potencialidade dos trópicos, enquanto fornecedores de matérias primas para as zonas temperadas, se o Brasil estivesse presente em suas pesquisas de campo. No entanto, este intento não se concretizou na década de trinta, tendo em vista a sua exclusão da Universidade de Bonn e o seu exílio. Este fato certamente interferiu violentamente nos planos de estudo de Waibel, fazendo com que somente dez anos depois conseguisse realizar aquele seu antigo propósito: o de conhecer o Brasil.

Das duas obras previstas, portanto, somente a primeira pôde ser concluída e publicada, sob o título *Die Rohstoffgebiete des Tropischen Afrika* (As áreas de matérias-primas da África Tropical), em 1937.

Na introdução desta obra Waibel (1937, p.16) afirmou que:

Por último, as minhas exposições são muito mais historicamente sustentadas, do que usualmente acontece hoje nos trabalhos de Geografia Econômica. Isto decorre da convicção de que não podemos entender nenhum fenômeno da vida humana sem fazer referência ao seu percurso no tempo. Uma reflexão geográfica que tenta deduzir tudo do condicionamento natural, permanece crua e presa à superfície. A Geografia dos Homens, assim como a Geografia Física, não podem dispensar uma base histórica, na medida em que frequentemente nisto encontram a definição da sua problemática. Isto já era reconhecido por Karl Ritter e seus alunos e praticado em suas obras; a Geografia da paisagem de hoje, no entanto, esqueceu este ensinamento fundamental, mesmo que sempre de novo muitos importantes geógrafos tenham feito referência ao significado de uma reflexão histórica.

Esta passagem é muito esclarecedora porque revela a filiação de Waibel à corrente historicista do pensamento alemão. Inspirando-se em Ritter, Waibel, em todos os seus trabalhos, sempre procurou realçar o desenvolvimento histórico como elemento essencial da realidade estudada. Isto implicava em realçar o particular como objetivo do

conhecimento científico. É nesta perspectiva que a Geografia (*Länderkunde*) de Ritter se colocava.

Mas mais um aspecto me motiva a não descrever somente as condições econômicas atuais dos trópicos, e sim, tanto quanto possível, considerar também o passado. A Geografia Econômica é para mim a teoria da diferenciação espacial da vida econômica, e como tal, tem a incumbência de descrever e explicar as diferenças espaciais, e com isto, assim como qualquer outra ciência, definir determinados princípios e regularidades. Neste objetivo, no entanto, não é tanto o tempo, no qual os fenômenos econômicos se realizam, que se torna essencial, senão o conhecimento de seu condicionamento e diferenciação espacial (dos fenômenos econômicos). Não é tanto o tempo e o espaço que separam a História e a Geografia e sim a metodologia! (WAIBEL, 1937, p.16).

Apesar de entender a Geografia Econômica como estudo da diferenciação espacial da vida econômica, Waibel, em suas pesquisas no Brasil, havia optado claramente por especializar-se nos estudos de Geografia Sistemática, concentrando seu trabalho em dois problemas: a colonização e o uso da terra. Tornou isto evidente quando afirmou que

Sendo o Brasil a última grande reserva de terras virgens no mundo ocidental, o problema de como aproveitar este país com seus extensos espaços desabitados torna-se não somente um problema brasileiro de primeira magnitude, mas diretamente um problema mundial. E foi este o problema que me trouxe ao Brasil, e que foi o *leit motiv* de todo o meu trabalho aqui. (WAIBEL, 1979, p. 315)

A pesquisa de Leo Waibel no Brasil

Nos trabalhos de Waibel no Brasil a matriz historicista também está presente. Dentre os vários trabalhos desenvolvidos, no período de 1946 a 1950, destaca-se um que se refere à elaboração de uma tipologia dos sistemas agrícolas utilizados pelos pequenos proprietários na região colonial do sul do país, que teriam se desenvolvido em etapas sucessivas no tempo, texto este publicado na Revista Brasileira de Geografia em 1949, na Revista *Colloquium Geographicum* da Universidade de Bonn em 1955 e no livro "Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil", sob o título "Princípios da Colonização Européia no sul do Brasil".

Neste trabalho Waibel classificou os sistemas agrícolas encontrados nas pequenas propriedades do sul do Brasil na década de 1940, tendo como critérios o uso da terra, a combinação gado-lavoura e a maneira pela qual os produtos eram preparados e processados para o mercado, em três sistemas principais:

1. *Sistema de rotação de terras primitiva*: característico da fase pioneira da colonização, supõe abrir uma clareira na mata, fazendo a queimada, usar a terra para policultivo e criação de porcos, que aproveitam os restos das colheitas. Quando a produtividade da primeira roça cai é aberta outra clareira, abandonando-se a primeira.

2. *Sistema de rotação de terras melhorada*: é praticado quando as técnicas e condições econômicas melhoram, como resultado da ampliação da área agrícola e do aumento da força de trabalho disponível. Permite produção maior, elaborar melhor os produtos destinados ao mercado e introduzir algumas cabeças de gado. O trabalho humano é substituído pela tração animal e uso do arado. Mesmo usando adubo orgânico, depois de algum tempo as lavouras são abandonadas para se transformarem em capoeiras.

3. *Rotação de culturas combinada com a criação de gado*: a rotação de culturas em campos arados e adubados constitui-se no estágio final do desenvolvimento agrícola no sul do Brasil. Tudo gravita em torno da criação de gado. Novas culturas são praticadas. A produção de derivados de leite é incrementada. A população rural se torna próspera, o que se reflete no tipo de casa, que passa a ser de alvenaria. Há uma preocupação maior com a educação dos filhos, além de manterem o contato com o mundo através da leitura de jornais, livros e revistas profissionais. Têm um padrão de vida que se aproxima do lavrador médio dos EUA.

Estes três sistemas, segundo Waibel (1979, p. 255), representam teoricamente estágios sucessivos de desenvolvimento histórico da paisagem agrícola colonial. Entretanto, apenas em poucas áreas o desenvolvimento da paisagem cultural passou pelos três estágios: “somente cerca de 5% de todos os colonos de origem europeia do sul do Brasil alcançaram o terceiro estágio de desenvolvimento agrícola; 50% vivem no segundo estágio, em terras ainda não esgotadas, e 45% estão ou no primeiro ou na fase de decadência e estagnação do segundo.”

Esta realidade causou forte impressão a Waibel (1979, p.244), como se verifica a seguir:

Tanto na literatura nacional quanto na estrangeira, os métodos agrícolas dos colonos europeus no sul do Brasil, são altamente elogiados e considerados como um retumbante êxito. Entretanto, quando se estudam esses sistemas no campo, faz-se uma observação chocante: a maioria dos colonos usa o mais primitivo sistema agrícola do mundo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprego. O colono chama este sistema de roça ou capoeira; na

literatura geográfica é geralmente conhecido como agricultura nômade ou itinerante. Na linguagem dos economistas rurais, é chamado sistema de rotação de terras.

Este é, naturalmente, o sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios, e passaram a usar desde então em suas grandes propriedades. A aplicação do sistema indígena de rotação de terras no Brasil, assim como em todos os outros países latino-americanos, significou a separação econômica e espacial da agricultura e da pecuária. Poucos brasileiros parecem estar cientes das enormes consequências que esta separação teve para toda a vida do País. Acarretou ela, de um lado, a criação extensiva e primitiva do gado, e, de outro, uma igualmente extensiva e primitiva lavoura.

Assim como Emílio Willems havia evidenciado, em seu livro “Aculturação dos alemães no Brasil (1946), o caráter deteriorante do sistema agrícola adotado pelos colonos sobre a cultura e a vida social, também Waibel observou, com preocupação, que um verdadeiro processo de "caboclicização" estava se desenvolvendo entre os descendentes de imigrantes daquela região. Ou seja, uma volta ao passado, a um estágio anterior ao que os imigrantes apresentavam quando da sua vinda. Isto, segundo ele, expressava-se nos hábitos que estes camponeses tinham adquirido na sua alimentação, na maneira de trabalhar, na forma de uso da terra, onde a prática da coivara se destacava: derrubada e queima da mata para abrir uma nova lavoura para, depois de alguns anos, abandoná-la e abrir outra clareira, provocando a eliminação da mata nativa e a degradação dos solos. Mas, sobretudo, o baixo nível de escolaridade e de informação justificavam aquela situação, afirmou Waibel. Os imigrantes tinham trazido da Europa o hábito da leitura e da busca da informação sobre o que se passava, tanto em nível local como mundial, hábito este que os descendentes tinham abandonado.

Torna-se evidente, nestas colocações, a importância que Waibel atribuía à associação da agricultura com criação de gado, uma vez que via nesta a possibilidade da intensificação do uso da terra, na medida em que o esterco produzido pelos animais seria utilizado para fertilizar as terras. No entanto, a realidade encontrada pelo pesquisador (1979, p.252) estava bem distante deste sistema de exploração da terra.

A maioria das colônias do planalto do Rio Grande do Sul está nesta condição deplorável. A primeira geração de colonos que devastou as matas no decênio de 1890, e, que, depois de alguns anos de pioneirismo, estabeleceu o sistema de rotação de terras melhorada, tornou-se logo próspera e constitui boas propriedades. A segunda geração aplicou as mesmas práticas agrícolas, daí resultando que os seus padrões econômicos baixaram consideravelmente, e a terceira geração, ou teve que se mudar para outro lugar, ou se tornou cabocla. O número de caboclos europeus é surpreendentemente elevado, mesmo em colônias que há 25 anos eram consideradas como colônias-modelo.

Não há dúvida sobre a pertinência da análise de Waibel, para quem realmente se preocupa com a precária situação em que a maior parte dos descendentes de imigrantes europeus no sul do Brasil vivem até hoje.

No entanto, estas colocações também permitem concluir que Waibel adotou o esquema do evolucionismo linear, expresso no historicismo romântico e positivista, marcando etapas que deveriam se suceder no tempo para chegar a um estágio de desenvolvimento ideal, o chamado "progresso", ou, no contexto dos camponeses, a terceira etapa da classificação dos sistemas agrícolas. Associado a isto, o desenvolvimento de comunidades "progressistas" e não "caboclizadas", como as evidências demonstravam.

Nas ilustrações a seguir pode-se observar os registros fotográficos feitos por Waibel na região colonial do sul do Brasil, no final da década de 1940, através dos quais procurou evidenciar as particularidades que marcavam os sistemas agrícolas identificados na região.¹

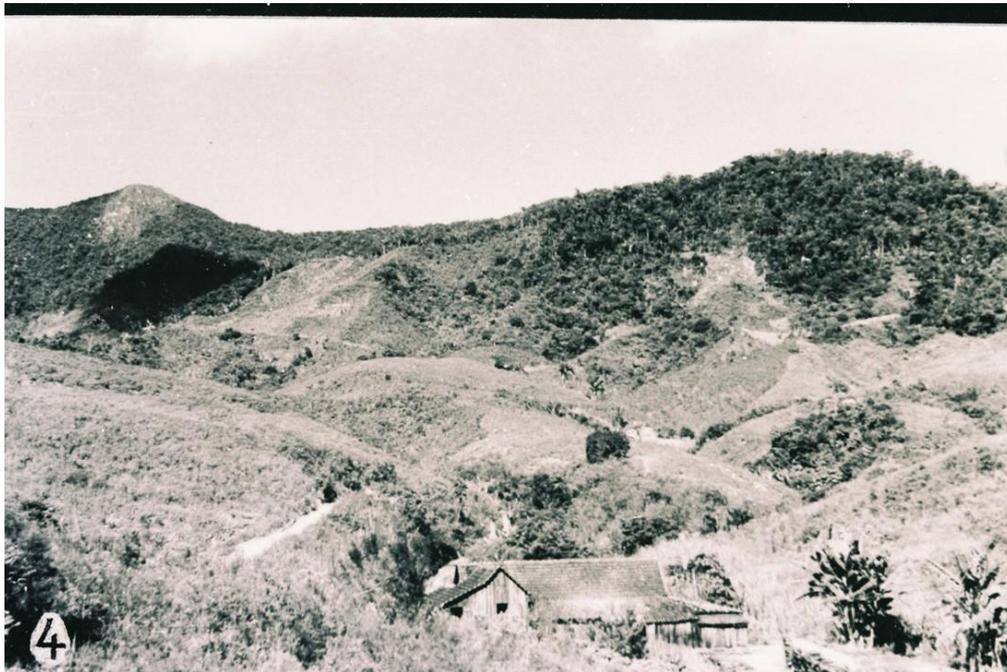


Figura 1 - *Rotação de terras melhorada* – desenvolve-se juntamente com o surgimento de pequenas vilas, onde passam a concentrar-se casas comerciais (entrepósitos comerciais), moinhos, serrarias, que vão permitir aos colonos (kolonisten) o beneficiamento e a comercialização de produtos como a banha, o milho, a mandioca, entre outros.

Fonte: Waibel, 1955, p.65.



Figura 2 - Neste sistema destaca-se o cultivo do trigo entre os imigrantes alemães e italianos, assim como o cultivo de centeio (roggen) entre os imigrantes alemães do norte, poloneses e ucranianos foi importante desde o começo, tendo em vista os hábitos alimentares: entre os primeiros o pão branco e entre os demais, o pão preto.

Fonte: Waibel, 1955, p.65.

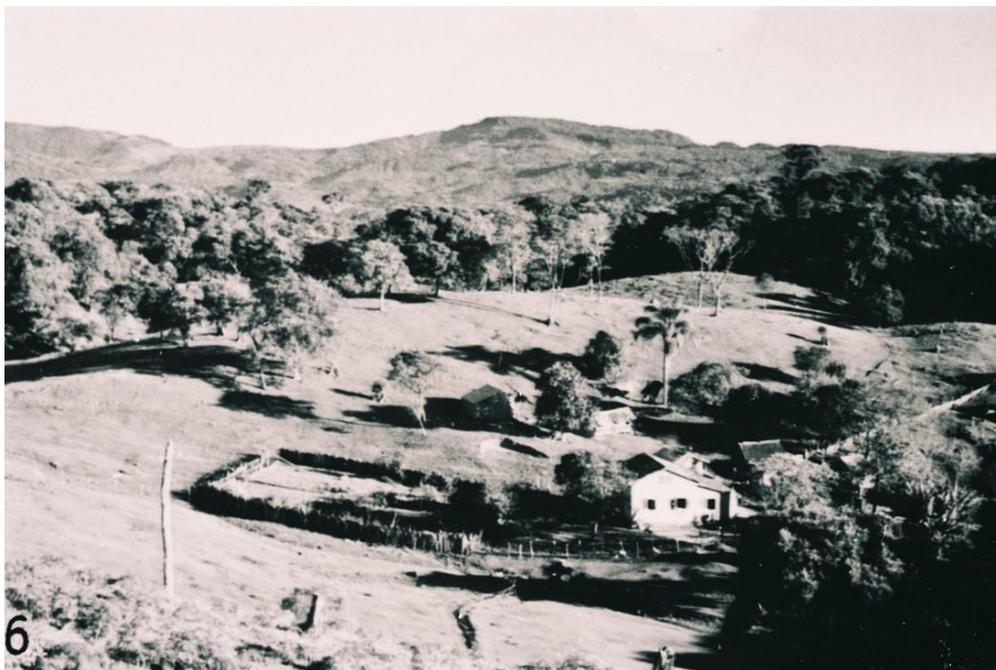


Figura 3 - Rotação de terras associada à criação de alguns animais: as primeiras pastagens foram criadas artificialmente, visando a manutenção de uma vaca, pelo menos, de cujo leite se pudesse obter a nata, o queijo e a manteiga. Só que, diferente da Europa Central, esta pastagem ocupa os espaços em torno do estabelecimento rural. Waibel explicou esta prática ao afirmar que o uso da enxada viabilizava a agricultura nas áreas de encosta mais íngreme, o que, de certa forma, liberava as áreas mais planas para as pastagens.

Fonte: Waibel, 1955, p.66.



Figura 4 - Neste sistema a mesma área de terras é utilizada durante alguns anos para pastagens e em seguida para plantações, o que viabiliza a manutenção de um maior número de animais na propriedade, possibilitando a venda de subprodutos do leite. Este sistema é encontrado em praticamente todos os vales colonizados por alemães, como no Vale do Itajaí, do Cubatão e Capivari em SC.

Fonte: Waibel, 1955, p.67.



Figura 5 - A manutenção de uma vaca leiteira reflete-se numa alimentação de mais qualidade para a família, ao mesmo tempo em que seus restos favorecem a criação de suínos. Tudo isto torna-se visível em estabelecimentos maiores e mais bem cuidados.

Fonte: Waibel, 1955, p.68.



Figura 6 - *Rotação de terras associada ao uso do arado*: o cultivo da batata inglesa favoreceu a melhora das condições de vida de muitas famílias de imigrantes: num primeiro momento, os poloneses e ucranianos, no Planalto Paranaense, que escoavam sua produção através de ferrovia para São Paulo. É o caso da colonia Cotenda, cuja paisagem mostra uma terra bem arada e um limpo e bem ordenado pátio. (Hofanlage).

Fonte: Waibel, 1955, p.69.



Figura 7 - *Rotação de culturas sem adubação*: Waibel afirmou que observou em alguns casos que determinados solos podiam ser utilizados durante anos, mesmo sem adubo, quando se fazia uma sucessão adequada de culturas. É o caso dos colonos poloneses no município de Araucária, no Paraná, que plantavam cereais e batata inglesa neste sistema. Relata o caso da colonia alemã de Augusta-Victória, no segundo Planalto do Paraná, onde a sucessão de cultivos era feita da seguinte forma:

- 1º ano: centeio como cultura de inverno;
- 2º ano: batata inglesa ou arroz de sequeiro como culturas de verão;
- 3º ano: culturas de tubérculos (mandioca ou batata doce) como culturas de verão;
- 4º ano: milho como cultura de verão.

Waibel relata ainda que “perguntados se a terra vinha sendo adubada, os colonos teriam respondido prontamente: Disto nós ainda não temos necessidade!”

Fonte: Waibel, 1955, p.71.



Figura 8 - O melhor exemplo deste sistema Waibel encontrou nas *velhas colonias alemãs no RS*, mais especificamente em Dois Irmãos, antigo distrito de São Leopoldo. O tamanho médio das propriedades era de 19ha (55m de largura por 325m de comprimento), nas quais os colonos vinham praticando a rotação de culturas, onde ao lado de cereais e tubérculos, vinham cultivando leguminosas, como forma de fertilizar o solo. Cultivavam amendoim, feijão, avica, ervilha em rotação com arroz, milho, trigo, cevada, hafer e batata ingles, mandioca e batata doce. “Em nenhum outro lugar eu ví tantas culturas numa mesma área de terras”, afirmou Waibel.

Fonte: Waibel, 1955, p.71.



Figura 9 - *Rotação de culturas associada ao uso regular de adubos*: neste sistema unifica-se novamente o cultivo da terra com a criação de animais, identificado por Waibel como sistema mais avançado de uso da terra para a região colonial do sul do Brasil. Encontrado na região de Blumenau e Joinville e no Vale do Caí. (Em destaque Orlando Valverde, assistente de Waibel na época).
Fonte: Waibel, 1955, p.73.



Figura 10 - Para a *manutenção destes animais é necessário ter estábulos adequados* para protegê-los das intempéries e providenciar pasto fresco e verde ao longo de todo o ano.
Fonte: Waibel, 1955, p.73.



Figura 11 - *Retrato da estagnação econômica*: prática da rotação de terras primitiva não só nas encostas mas também nas várzeas férteis. Localidade de Pedras Grandes, região de Brusque, SC.
Fonte: Waibel, 1955, p.76.



Figura 12 - Mais um retrato da *estagnação econômica*: monocultura da mandioca em solo esgotado, no Vale do Rio das Pedras Grandes - SC.
Fonte: Waibel, 1955, p.78.

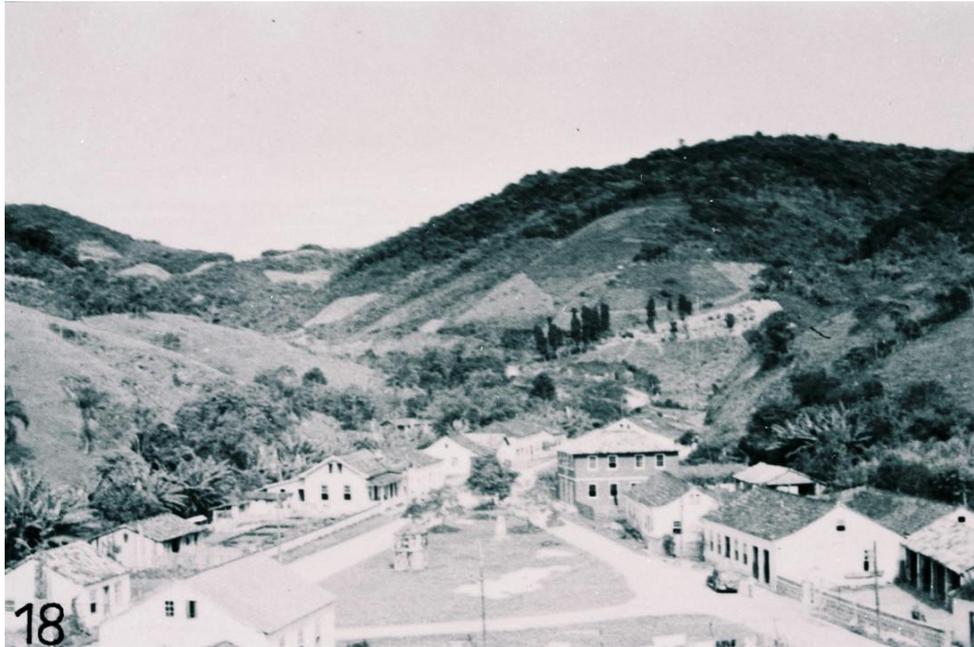


Figura 13 - *Exploração de lenha*, atividade econômica em São Pedro D'Alcantara - SC, atribuindo à localidade uma característica de bem estar e de lugar limpo.
Fonte: Waibel, 1955, p.78.

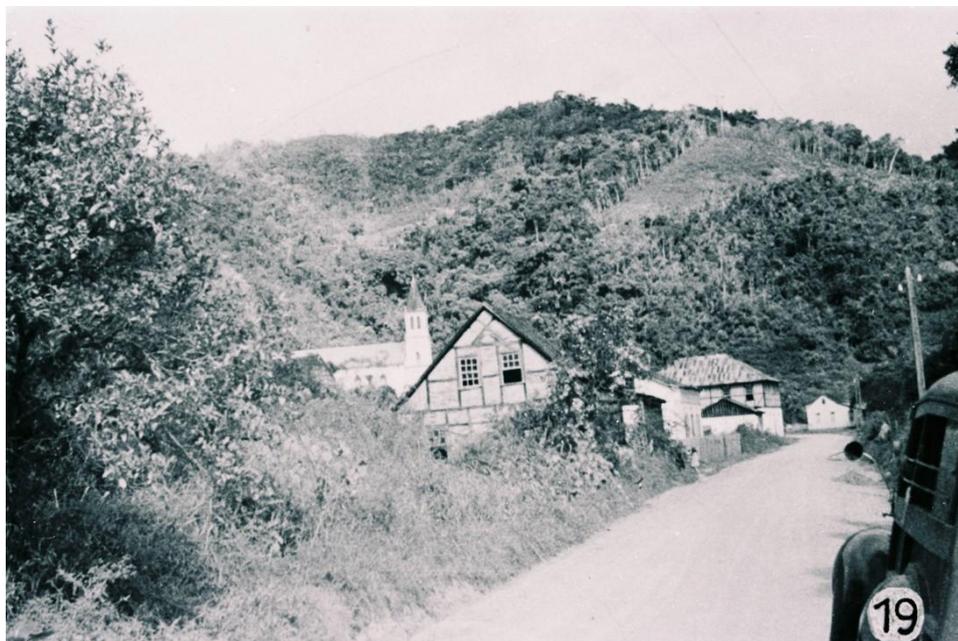


Figura 14 - *Colônia alemã de Therezópolis*, a 50km de Florianópolis, cercada de capoeira, a qual, uma vez cortada, vai dar lugar a lavouras novamente, como evidenciam as encostas.
Fonte: Waibel, 1955, p.79.



Figura 15 - *Decadência econômica decorrente de propriedades muito pequenas*, quando considerado o “Minimalen Ackernahrung” da região. Terras da Serra do RS exploradas há 120 anos. Aparecem pequenas áreas cultivadas com milho e outras culturas, de forma irregular, misturadas com capoeira. Ao fundo uma primitiva casinha de madeira de um colono alemão.

Fonte: Waibel, 1955, p.90

Tendo como referência, portanto, a noção de *minimale ackernahrung*, ou seja, “a mínima quantidade de terra necessária para proporcionar a um agricultor e sua família um padrão econômico e cultural decente”, Waibel (1979, p.257) afirmou que alguma coisa estava errada na colonização europeia do sul do Brasil.

Se os sistemas agrícolas extensivos não dão resultados satisfatórios nas grandes propriedades, quando aplicados nas pequenas, tornam-se ilógicos e perigosos, afirmou Waibel (1979, p.244). O termo extensivo quer dizer que dos três fatores da produção - terra, capital e trabalho - a terra é o principal e deve ser abundante. Mas isto não acontece nas pequenas propriedades dos colonos europeus do Brasil meridional; não obstante, eles aplicaram logo, desde o princípio até hoje, o sistema extensivo de rotação de terras.

Waibel (1979, p. 33) entendia por sistema agrícola

a distribuição espacial e cronológica das espécies de culturas sobre toda a área cultivada, segundo determinados princípios, sendo que sob “espécies de culturas” ficam entendidas todas as áreas de utilização, como florestas, prados naturais, pastos, campos de cultura, etc. Esses sistemas não são de maneira nenhuma arbitrários, mas dependentes de condições naturais, legais e econômicas especiais, variando, em consequência, de uma região para outra.

Portanto, tendo constatado que o sistema agrícola predominante era a rotação de terras extensiva, em propriedades cujo tamanho médio era de 15 a 20 hectares, Waibel concluiu que esta era uma das principais causas da precária condição de vida da maioria dos descendentes de imigrantes europeus no sul do Brasil. E, para aprofundar a análise da questão, introduziu a noção de *minimale Ackernahrung*. Este, afirmou Waibel (1979, p.257) depende principalmente de dois fatores: as características da terra e o sistema agrícola que o lavrador deverá aplicar.

Colocou então a pergunta fundamental:

Qual é, ou deve ser, o *minimale Ackernahrung* para um colono do sul do Brasil que quer aplicar o sistema de rotação de terras? [...] Deveria ter entre 55 e 65 hectares em terra boa, e entre 80 e 105 em terra ruim.

Apesar do valor aproximado destes números, que variam consideravelmente de acordo com a topografia e as condições do solo, Waibel (1979, p.257) afirmou que

eles provam claramente que o tamanho de 25 a 30 hectares é pequeno demais para a aplicação do sistema de rotação de terras. A consequência é que o colono tem que usar uma rotação de terras muito mais curta e cultivar sua capoeira cada seis, cinco ou mesmo três anos. Daí resulta que os solos se esgotam rapidamente, as colheitas decrescem e a estagnação econômica se instala.

A deterioração da terra e da gente é ainda mais acelerada pela frequente divisão dos lotes originais entre os herdeiros. Em muitos lugares, os colonos atualmente só possuem metade ou um quarto de lote, isto é, 15 ou 7 hectares, e ainda usam o sistema de rotação de terras. “Embora trabalhando duramente, esta pobre gente apenas consegue vegetar numa existência miserável”, concluiu Waibel. (1979, p.257)

Assim, Waibel concluiu que o sucesso (ou insucesso) dos projetos de colonização no Brasil estavam diretamente relacionados ao tipo de uso da terra praticado pelos colonos, aspecto este que foi a principal característica das diferentes paisagens culturais identificadas pelo autor nas áreas de colonização no território brasileiro e, mais especificamente no Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A contribuição de Leo Waibel à Geografia, em especial à Geografia Agrária no Brasil, traduz-se no importante legado deixado pelo autor através de relatórios de

trabalhos de campo e publicações de artigos em periódicos científicos publicados em meados do século XX.

Acima de tudo, Waibel chamou atenção para o importante papel da pequena propriedade familiar no uso da terra e na produção de alimentos.

Waibel, na época, já tinha uma compreensão bastante aprofundada da complexidade do quadro agrário brasileiro, fundamentada em suas observações empíricas. Ou seja, a partir da sua experiência com a agricultura europeia, principalmente a alemã, ele compreendia que desenvolvimento capitalista da agricultura não necessariamente significava expropriar os produtores familiares camponeses dos seus meios de produção. Ao contrário, acreditava que num país com tamanha disponibilidade de terras agricultáveis e de condições climáticas tão favoráveis, a pobreza no campo não fazia sentido.

Entretanto, à divulgação de seus trabalhos sobrepôs-se a propaganda da Revolução Verde, introduzida no Brasil no início da década de 1950. Isto justifica, de certa forma, o fato de suas contribuições só receberem o devido destaque a partir dos anos 1990, auge do período de redemocratização do país, no qual a apologia à Revolução Verde passa a ser fortemente questionada pelos movimentos sociais.

A partir dos anos 1990, portanto, pesquisadores das áreas da Sociologia, da Economia, da Geografia, entre outras, voltam-se ao estudo da obra de Waibel, com o intuito de retomar e analisar as suas contribuições, não mais à luz dos preceitos da Revolução Verde, e sim movidos pela urgente necessidade de compreender a complexidade da realidade agrária brasileira, com destaque para a questão do uso da terra na pequena propriedade rural.

Notas

¹ As fotografias apresentam numeração atribuída por Waibel na publicação original. Foram selecionadas as que ilustram o tema em discussão.

Referências

BÖHM, H. Leo Waibel 22.2.1888-4.9.1951. In: *Beiträge zur Geschichte der Geographie an der Universität Bonn*. Band 21. 1991.

ETGES, Virginia E. *Geografia Agrária – a contribuição de Leo Waibel*. Santa Cruz do Sul:Edunisc. 2000.

WAIBEL, L. *Die Rohstoffgebiete des tropischen Afrika*. Leipzig 1937.

_____. Die Europäische Kolonisation Südbrasiens. *Colloquium Geographicum*. Bonn:Ferd. Dümmlers Verlag. 1955.

_____. *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro:Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1979.

WILLEMS, Emilio. *Aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo:Editora Nacional, 1946.

Recebido em 11/06/2012 Aceito para publicação em 30/08/2012.
